

A EXPERIÊNCIA EMPÍRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NOVAS PERSPECTIVAS EM SALA DE AULA

EMPIRICAL EXPERIENCE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: NEW CLASSROOM PERSPECTIVES

Everton Henrique Eleutério Fargoni¹

Mayna Zacarias²

RESUMO: O presente trabalho refere-se a um relato de experiência vivenciada em sala de aula, realizado numa turma de fase 4 em um Centro Municipal de Educação Infantil na cidade de São Carlos-SP, por meio da disciplina de Prática de ensino e estágio docente na Educação Infantil da graduação em Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos. O intuito deste artigo é socializar as novas perspectivas de dois graduandos a partir da experiência empírica com os alunos sobre a realidade escolar na educação infantil, o encanto com a docência e o novo olhar para a profissão mediante a hodierna relação professor-estudante. Para tanto, este trabalho esteve pautado numa perspectiva dialógica entre os sujeitos, com base na observação, interação e intervenção dos docentes em formação, sendo o estágio o meio de apropriação indispensável entre o futuro educador e a sala de aula.

Palavras-chave: Educação Infantil; Empíria; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: The present work refers to a report of the experience lived in the classroom, carried out in a phase 4 class in a Municipal Center of Early Childhood Education in the city of São Carlos-SP, through the discipline called Teaching Practice and Internship in Early Childhood Education, from the undergraduate course in Pedagogy at the Federal University of São Carlos. The purpose of this article is to socialize the new perspectives of two undergraduates from the empirical experience with students about the school reality in Early Childhood Education, the enchantment with teaching and the new look at the profession through the current teacher-student relationship. Therefore, this work was based on a dialogical perspective between the subjects, based on the observation, interaction and intervention of the teachers in training, being the internship the indispensable means of appropriation between the future educator and the classroom.

Keywords: Early Childhood Education; Empirics; Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

Estágio é uma fase de estudos na prática, é um recorte na trajetória do graduando no caminho de sua formação. Esta poderia ser a definição base, a padrão, encontrada nos mais famosos dicionários, porém ao tratar o estágio no sentido acadêmico, deve-se valorizar sua composição empírica dentro do processo educativo durante a graduação do sujeito. Estagiar é aprender, estagiar é experiência, estagiar é construir e desconstruir, estagiar pode emancipar. No contexto pedagógico, o estágio

1 Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa de Economia Política da Educação e Formação Humana (GEPEFH) e é membro do eixo de pesquisa 'Produção do Conhecimento' da Rede Universitatis/BR. evertonfargoni@gmail.com.

2 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Também integra o Grupo de Estudos e Pesquisa de Economia Política da Educação e Formação Humana (GEPEFH) e é membro do eixo de pesquisa 'Produção do Conhecimento' da Rede Universitatis/BR. maynazacarias1@gmail.com.

docente é aprendizagem e será memória, fará parte das recordações do legado construído pelo educador ao longo de sua carreira. No memorial do docente o estágio é a puberdade, é a adolescência, é a transição para a maturidade, é o momento das descobertas, das dúvidas, dos primeiros contatos na conjuntura escolar, logo é uma etapa imprescindível na estruturação do novo docente.

Na educação infantil, em específico, a fase dos 0 aos 5 anos de idade, as singularidades das crianças estão postas diferentemente das crianças no ensino fundamental, neste caso, o estagiário está diante realidades dentro da escola numa formação delicada, pois o público é formado inicialmente por bebês. É um contexto que exige muita atenção e dedicação para o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças, característica comum do público das escolas que atendem crianças de 0 a 2 anos, circuito que se exige além da formação teórica, a necessária disposição prática do educador em formação.

Para a fase das crianças maiores, entre 3 e 5 anos, as modalidades educativas tornam-se mais avançadas acompanhando o crescimento dos estudantes, apoiado por muitos jogos e brincadeiras, com conteúdos lúdicos, sendo o progressivo andaimento para a próxima transição - o ensino fundamental.

Mediados pelos docentes dos centros educacionais e supervisores da graduação, os estagiários nestas fases aprendem por meios de suas primeiras vivências na sala de aula como se dão as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças, numa leitura cotidiana por meio da observação e interação com os atores envolvidos.

De acordo com Pereira e Pereira:

O Estágio Supervisionado I em Educação Infantil tem por objetivos dar oportunidade ao futuro professor para observar, descrever, relatar e participar efetivamente do trabalho pedagógico, em situações diversas e nas condições reais de trabalho do professor; elaborar e desenvolver projetos de atividades educacionais; problematizar, questionar e analisar a prática vivenciada, refletindo criticamente a partir de pressupostos teóricos; exercer atividades de ensino que leve o estudante a desenvolver a atitude educativa e a consciência crítica para compreender sua função de educador (PEREIRA; PEREIRA, 2012, p. 01-02).

Sob esse prisma, o novo educador acerca de suas competências em desenvolvimento, faz alinhar o estágio com a prática pedagógica, a fim de refletir sobre os métodos de ensino alicerçados pelas experiências *in loco*, garantindo a evolução do ser docente mediante também as aprendizagens na graduação.

Desta forma, levantamos o objetivo de entender as transformações do sujeito graduando em estágio na prática docente na educação infantil, na ótica das novas perspectivas geradas durante e após as vivências com as crianças em sala de aula.

ANÁLISE DA JORNADA NA LICENCIATURA

O cotidiano do estagiário em acompanhamento da rotina docente junto as crianças é um prêmio empírico – porque é na sala de aula que as dúvidas emergirão, são nos contatos que as relações se estabelecem e por meio dos problemas que os entendimentos, por soluções, acontecem.

Segundo Pimenta (2004), o estágio na formação de professores possibilita o futuro docente compreender a complexidade das práticas institucionais, neste caso, a

subjetividade do graduando passará por transformações que, porventura, se envolverá com as realidades das crianças na prática. Realidades compostas por dificuldades de aprendizagem, negligências familiares entre outros fatos.

De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação (PIMENTA, 2004, p. 41).

Neste sentido, escolarizar é uma obra que se lapida progressivamente, passo a passo, com atenção para cada momento, cada episódio e detalhe, para que a prática e a ação evoluam adjacentes ao conhecimento do educador em formação. Na seção II, da Educação Infantil, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a solicitude com as crianças é uma explícita guisa, no sentido escolar, que a primeira infância está no radar dos principais cuidados do Estado. Em vigência, é um documento auxiliador do docente em formação, que além de estar atento nas práticas pedagógicas é necessário saber os direitos, cujos são substanciais para a compreensão e ações diante os fenômenos escolares.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p. 22).

Andrade (2010) entende que na educação infantil as crianças recebem o estatuto de sujeitos plenos de direitos, contudo, cabe aos atores envolvidos nas escolas garantirem que seja concebido aos educandos a educação e estrutura adequada por direito. O estagiário pode e deve participar neste envolvimento, semeando nos primeiros momentos da licenciatura a consciência de que a criança é um agente único, com singularidades e subjetividades. Andrade assim esclarece:

Os estudos científicos propagados a partir do século XX, em especial da psicologia, antropologia, sociologia e história, apresentam uma visão de infância como categoria social e historicamente construída, determinando um conjunto de teorias e práticas a serem desenvolvidas com as crianças, tanto nas famílias como nas instituições de educação infantil, e, ainda, influenciam as representações sociais sobre as crianças incorporadas ao imaginário coletivo (ANDRADE, 2010, p. 20-21).

Desta forma, a educação é uma das maiores peças numa conjuntura social complexa, sendo o estágio um ensaio para entender e movimentar estudos e concepções. Por isso, a educação infantil, na arte da licenciatura – é pilar, é alicerce. Quão foi debatida e quão ainda é discutida, fazendo-se assunto ininterrupto porque é necessário.

Portanto, metodologicamente este texto não se embasa em apenas um relato, atividade ou regência, ele é o resultado de experiências e relações. Da outrora expectativa e das novas perspectivas após estagiar.

SOBRE O CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Partindo do pressuposto de que as escolas da rede pública de ensino passam constantemente por dificuldades estruturais, financeiras e operacionais, a nossa expectativa antes de entrar pela primeira vez no centro municipal de educação infantil era encontrar uma escola dentro destas características, negando a possibilidade de ver e presenciar uma instituição funcionando com qualidade, mediante a realidade política caótica do município.

Esta negação foi desconstruída em minutos, talvez em segundos, dado o encanto com as condições da escola e o clima proporcionado pelos funcionários. Nós sabíamos que não encontraríamos um centro educacional com a mesma estrutura nos moldes oníricos escandinavos, porém encontramos um lugar cativante, limpo e, sobretudo, organizado.

A partir do primeiro contato com a escola e ótimo acolhimento, a preambular análise, no sentido geral, se deu positivamente e intensificou-se ao passar dos dias. Este é um ponto contribuinte em nossa transformação de perspectiva sobre a escola, por merecimento, dada a visível adequação do local referente as recomendações das leis e diretrizes, conforme sugere a função sociopolítica e pedagógica da Educação Infantil pelo parecer³ 20/2009 no que tange a revisão Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

A função das instituições de Educação Infantil, a exemplo de todas as instituições nacionais e principalmente, como o primeiro espaço de educação coletiva fora do contexto familiar, ainda se inscreve no projeto de sociedade democrática desenhado na Constituição Federal de 1988 (art. 3º, inciso I), com responsabilidades no desempenho de um papel ativo na construção de uma sociedade livre, justa, solidária e socioambientalmente orientada (BRASIL, 2009, p. 5).

Analisar a qualidade do ensino não era e nem foi nosso objetivo, todavia, indiretamente por sermos novos educadores em um espaço de educadores, tal observação ocorria mediante os acontecimentos, fomentados pelas práticas pedagógicas ricas no senso lúdico e formativo. Por exemplo, no documento do Ministério da Educação – Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, alguns tópicos direcionam para observação e análise de aspectos importantes na Educação Infantil, a fim de promover um ambiente apto para escolarização e recreação, respeitando as necessidades das crianças. Ao ler este documento pensando na escola em que acontece o estágio, ela se adequa com competência aos indicadores. Reflexo da boa gestão e participação dos pares envolvidos na comunidade escolar.

Alguns dos indicadores de sucesso na escola acerca do ritmo, identidade, desejos, ideias e interesses das crianças:

As professoras organizam as atividades de modo que crianças não sejam forçadas a longos períodos de espera; ao longo do dia, as professoras realizam atividades com os bebês e crianças pequenas em diferentes lugares e ambientes; as professoras ajudam as crianças a manifestar os seus sentimentos (alegria, tristeza, raiva, ciúme, decepção, etc.) e a perceber os sentimentos dos colegas e dos adultos; as professoras e demais profissionais acolhem as propostas, invenções e descobertas das crianças incorporando-as como parte da programação

3 Parecer homologado 11 de novembro de 2009. Propõe-se a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil pelo Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica.

sempre que possível; as professoras reconhecem e elogiam as crianças diante de suas conquistas; as produções infantis estão expostas nas salas de atividades e ambientes da instituição; As professoras organizam junto com as crianças exposições abertas aos familiares e à comunidade (BRASIL, 2009. p. 46-47).

A EMPIRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientados por uma professora engajada, dedicada e sempre sorridente, nossos dias e semanas em sala de aula na educação infantil foram ocupados por práticas pedagógicas e pelo explícito *amor* pela docência. As crianças percebiam e sentiam este encanto da professora na relação cotidiana, isto nos corromperam para o bem, cativando-nos diariamente com atividades prazerosas e lúdicas – respeitando ideias, explorando a imaginação e incentivando a criatividade.

De acordo com Kishimoto (1994), a ludicidade promove na criança a relação delas com o mundo externo, formando conceitos e estabelecendo relações lógicas, desenvolvendo-as através das percepções. Nesta participação afetiva, no envolvimento nas brincadeiras, nas histórias de faz de conta, nos jogos de papéis sociais, cantos, manipulação de brinquedos entre outras atividades, percebemos o quão o engajamento contribui para consequências positivas, fortalecendo a relação professor-aluno. Como no caso de uma segunda-feira que a temperatura do dia estava muito quente e a sala, apesar de bem arejada, ficou abafada, nós ao terminarmos uma sessão de contação de histórias, reconstruindo contos por meio da criatividade e soluções ditadas pelas crianças sugerimos para a professora se fosse possível levar as crianças para a caixa de areia externa, que possui cobertura para as crianças não ficarem expostas ao sol, mas que poderiam brincar e dar continuidade a interação que estavam fazendo e, tão logo, o aceite da educadora dado para irmos à área externa. Neste momento algumas crianças nos pediram para realizar a contação com edição das histórias no dia seguinte e num combinado mútuo dissemos que faríamos se a turma, de maioria de 4 anos de idade, brincasse sem machucar nenhum colega e que antes da leitura das histórias, eles terminariam uma atividade de artes que foi interrompida para realizarem a aula de educação física. E com um abraço coletivo, guiamos com a professora os alunos para fora da sala.

Neste contexto, das atividades internas e externas, valoriza-se a relação entre as crianças, no sentido de socialização e imaginação.

Para Kishimoto (2014),

[a] ação lúdica que se expande com novos cenários para brincadeiras imaginárias, sem o descarte constante dos brinquedos revela que se respeita o desenvolvimento social e a sustentabilidade. Brincar fora da sala, em parquinhos ou playgrounds que ofereçam áreas com terra, água, grama, areia, pedriscos, árvores frutíferas, arbustos para se esconder e plantas com flores que formam ambientes externos com biodiversidade necessária para o convívio com plantas, borboletas, passarinhos e insetos oferecem ricas oportunidades para um brincar que respeita a natureza (KISHIMOTO, 2014, p. 88).

Ao oferecer opções e acatar sugestões, se estabelecem com as crianças vínculos reais, causando segurança, sintonia e o mais importante, respeito. Constituído a relação, os diálogos e as soluções para problemas rotineiros, como ocorreu quando uma das crianças apresentou medo e repulsa diante de umas das merendeiras e, por

meio de um brando diálogo, na altura da aluna, a figura do professor transmitindo confiança e segurança fez com que a mesma se portasse pacificamente e alegremente voltou a interagir com a funcionária.



Figuras 1 e 2. Produções individuais das crianças

Fonte: autores.

As atividades individuais com as crianças foram fatores que também muito contribuíram para o encanto do trabalho docente neste período de estágio. A atenção particular, nos fez entender as dificuldades de cada um e ao mesmo tempo compreender as habilidades desenvolvidas diferentemente entre os estudantes. Os dias de produções artísticas eram motivadores e divertidos, algumas delas sugeridas pelos estagiários eram postas em práticas, com resultados surpreendentes, por exemplo, uma atividade que incentivadas pelos docentes em sala, a criança gerava a partir de desenhos livres sobre seu cotidiano uma construção de ideias compartilhadas e expostas, enquanto, inicia o processo de escrever ou juntar letras e palavras compostas, como na imagem acima, seus respectivos nomes.

UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Na sociedade civil vários eixos são compostos por específicos indivíduos, configurados por processos sociais e culturais. Este é um fato que ocorre por tradições mantidas nas variadas sociedades, por exemplo, vê-se mais homens historicamente em cargos políticos do que mulheres, enquanto, vê-se mais mulheres na educação infantil em vez de homens. Numa discrepância explícita, porém tal realidade vem se modificando. Mais mulheres estão entrando e fazendo parte do circuito científico, não sendo mais coadjuvantes como outrora, mas na conjuntura escolar, neste caso, da educação infantil, a maioria esmagadora são as mulheres. Diante este contexto, um homem neste meio poderia se sentir invalidado e desencorajado em estudar a educação, porém por cativantes incentivos e empenho em expor que a escola é um canal de transformação, as professoras da escola deste relato e as crianças, ou seja, o corpo docente e discente, fizeram de uma fase do processo formativo em pedagogia, ser uma das mais belas experiências em vida dos autores deste artigo.

Estar em contato com múltiplas realidades, com a pluralidade e os sentimentos expostos pelas pessoas neste eixo, ajudaram a ter o portento, a fascinação pela prática educativa. Para Vygotsky (1996, p.264): “Não se pode aplicar à teoria do desenvolvimento infantil a mesma concepção do meio que se adota na biologia a

respeito da evolução das espécies [...] a realidade social é a verdadeira fonte de desenvolvimento”. Dessa forma, enquanto nós atendíamos individualmente os alunos, pudemos nos conhecer mais, evoluir, ampliar a empatia e entender as individualidades, as necessidades, garimpando ideias em conjunto de emoções.

Certo dia, próximo do dia das crianças, um dos alunos perguntou para um dos autores deste relato se poderia ficar para sempre na escola, foi respondido que sim, porém em outras escolas ou universidade. Foi dito para a criança que na semana seguinte o tempo com eles terminaria, mas que muitas outras novas pessoas iriam fazer parte da rotina com deles. O aluno em lágrimas, mas com sorriso no rosto, disse que queria uma foto conosco para recordar do “professor homem”. Aquele ato nos emocionou e concomitantemente fortaleceu nossa jornada na licenciatura por meio do impacto das relações professores-aluno. Foi um instante de esperanças sem utopias.

Paulo Freire (2009), destaca que a esperança é uma necessidade ontológica do ser humano e nós, como educadores, pensamos sobre a esperança como o bastião, a bandeira das licenciaturas, que juntas pelo conhecimento, pela sapiência, o ceticismo escolar não terá forças. Motivados por exemplos como o desse estágio, nessa perspectiva, Freire escreve:

Na verdade, toda vez que o futuro seja considerado como um pré-dado, ora porque seja a pura repetição mecânica do presente (...), ora porque seja o que teria de ser, não há lugar para a utopia, portanto para o sonho, para a opção, para a decisão, para a espera na luta. Não há lugar para a educação. Só para o adestramento (Freire, 2009, p. 92).

Após muitos dias de envolvimento com aquela turma concluímos apenas ganhos, novas memórias confortantes e estimuladoras para os futuros desafios na docência, lembranças como nos dias de colher amoras, pegando as frutas do topo das árvores para distribuir para as crianças. E o som dos “Obrigado Tio” e “Obrigado Tia” tornarem-se canções aos ouvidos, o que muito remeteu ao carinho de Rousseau por Emílio⁴.

Acerca de todo este envolvimento, as atividades na maioria das vezes deram-se produtivas, com escrita, pintura, desenho e muita sujeira. Ora com música, ora com danças, mas sempre envolvidos na ludicidade. E ser professor, ser professora nestes momentos, é aprender para ensinar, é entender para intervir. Por empiria, por conhecimento para dar conhecimento.

Russo (2008), neste pensar, escreve:

Como professor (e a pessoa que sou concorda), a ênfase que me pertence é sobre a mudança: simplificando, não saíram da minha barriga, não os vi nascer, engatinhar, começar a falar; já os pego tendo passado por tudo isso e me compete levá-los mais adiante. O meu trabalho não me pede para olhá-los com olhos conservadores, de quem pode se permitir querer, dentro de si, que continuem como são: eu não posso me permitir isso. Não dou por inevitáveis eventuais birras, tiques, caprichos, pequenas manias com que eles me abordam: devo lhes mostrar que aqui isso acabou. O que procuro fazer, isto sim, é “fotografar” como é o estilo das crianças quando chegam para mim: talvez mudem, talvez não; mas isto é uma constante que tem de ser respeitada (RUSSO, 2008, p. 157).

4 A obra Emílio, ou Da Educação fala sobre a natureza do ser humano. Foi escrita por Jean-Jacques Rousseau no ano de 1762. O livro aborda temas políticos e filosóficos referentes à relação do indivíduo com a sociedade e, sobretudo, explica como o indivíduo pode conservar sua bondade natural.

Todas as crianças que fazem parte dessa instituição têm acesso à higiene e a saúde, tem contato com a natureza, estudam em um ambiente seguro, acolhedor e estimulante, possuem atenção individual quando necessário, elas têm direito à brincadeira, alimentação sadia, podem exercer sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão. Tudo isso faz parte do cotidiano escolar, consequentemente esses elementos tornam-se importantes para um ensino de qualidade.

Segundo Sousa (1998),

Criar as condições necessárias para que a criança efetivamente se desenvolva, aprenda e caminhe na direção da autonomia e do exercício pleno da cidadania, com alegria e prazer. A qualidade se traduz em oportunidades diversificadas para que cada criança cresça, aprenda e se desenvolva a partir da nossa interferência criteriosamente planejada e desenvolvida e permanentemente avaliada. Isto inclui, entre outros, o entendimento, a consideração e o respeito à criança e ao seu mundo, à sua maneira própria de ser, de sentir, de perceber e de se relacionar consigo mesma, com as demais pessoas e com o mundo mais amplo ao seu redor, sem perder de vista a sua individualidade e a sua historicidade humana e sociocultural (SOUSA, 1998, p.4).

As fotos exibem a existência de alguns conteúdos que ajudam na prática escolar e que colaboram na indução criativa dos educandos.



Figuras 3 e 4. Produções e ações das crianças

Fonte: Autores.

Nesta escola e na sala de aula vimos sujeitos criativos, esperançosos, motivadores, inteligentes e espertos. Machucados com a vida, iludidos mesmo tão pequenos, mas grandiosamente amistosos e cativantes. Abraçamos alunos e alunas que queriam conforto por carência afetiva ou pelo apego no processo de aprendizagem. Nos muitos gerúndios, mediamos e instruímos. Promovemos a autonomia e ajudamos sempre que preciso – e muito foi necessário. Chamamos atenção e elogiamos. Parabenizamos e fomos parabenizados. Acolhemos e fomos acolhidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste processo de aprendizagem na escola de educação infantil, nos surpreendemos e aprendemos muito, as vicissitudes em nós foram obras de empirias nas diversas variantes, ora pedagógicas, ora nas relações humanas. Entendemos também que os humanos ao escolherem o caminho da educação como exercício

profissional devem apresentar sua vocação educativa como parte de construção do seu sujeito docente, ela poder vista a partir dos experimentos e expressões ao longo da vida ou por meio das metamorfoses em que as pessoas obtêm nas adversidades do percurso de suas memórias. A partir disso, as dificuldades são partes do conjunto da educação, porém as soluções são construídas no dia a dia, a partir da interação entre os pares, da investigação dos sujeitos para compreendê-los e instruí-los, assim como a formação docente ela é contínua – necessária para entender as constantes transformações na realidade do social da esfera pública.

Este estágio foi um marco pessoal para ambos, nos ensinou enquanto nós ensinávamos e expôs que a prática pedagógica é única. E apesar das adversidades no caminho da docência, da desvalorização do profissional na conjuntura histórica e política do país, exercer esta profissão exige o que os clichês abarcam – amor e dedicação. A empiria em sala de aula neste processo nos fez ressignificar fatos e gerou novas perspectivas promovendo novas subjetividades, porque os sujeitos docentes em formação que entraram no primeiro dia de estágio neste centro educacional não são mais os mesmos do último de experiência no local. Portanto, se existe prazer por ensinar e empatia no processo de aprendizagem dos formandos sempre haverá esperança de mudança e progresso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, De 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16ª ed. 2009.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 6. ed. São Paulo: CORTEZ, 1994.
- _____, T. M. **Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil**. Espac. Blanco, Ser. indagaciones, Tandil, v. 24, n. 1, jun. 2014.
- PEREIRA, E. L.; PEREIRA, M. A. L. O estágio supervisionado em educação infantil: concepções de estudantes do curso de pedagogia. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino** - UNICAMP - Campinas – 2012.
- PIMENTA, S.; LIMA, M. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- RUSSO, D. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância (III). Trad. De Fernanda L. Ortale e Ilse P. Moreira. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.2, no. 2, p. 149-174, nov. 2008.
- SOUSA, M. F. G. Educação Infantil: os desafios da qualidade na diversidade. **Palestra de abertura do Seminário Nacional de Educação Infantil do SESI**: Identidade na Diversidade. Belém, 1998.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.